



Universidade
Estadual de
Londrina

JULIANA DE SOUZA

EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL UM PROCESSO DE
(RE)PRODUÇÃO IDEOLÓGICA?

LONDRINA
2009



JULIANA DE SOUZA

EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL UM PROCESSO DE
(RE)PRODUÇÃO IDEOLÓGICA?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de graduação em Pedagogia da Universidade
Estadual de Londrina.

Orientador: Prof^o. Anilde Tombolato da Silva.

LONDRINA
2009

JULIANA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL UM PROCESSO DE
(RE)PRODUÇÃO IDEOLÓGICA?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de graduação em Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.º Anilde Tombolato da Silva
Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Adriana de Jesus
Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Maria Ruth Sartori
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de _____.

Agradeço á Deus, por ter me proporcionado cursar e concluir a graduação, por ser meu amparo nos momentos de dificuldade e de fraqueza, com toda certeza sem ele jamais conseguiria.

AGRADECIMENTOS

A minha família que me motivou nos momentos de desânimo

A minha equipe de trabalho pelo apoio e compreensão

A minha orientadora Anilde que soube me conduzir durante o trabalho de maneira brilhante, com profissionalismo e responsabilidade.

A todas as pessoas que de alguma maneira contribuíram para realização deste trabalho.

SOUZA, Juliana de. **Educação e Indústria Cultural um Processo de (re)produção Ideológica**. 2009. 26 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pensar a relação entre a Indústria Cultural e a educação no processo de reprodução da ideologia do consumo. Tendo como perguntas norteadoras para o trabalho: Qual a influência que a Indústria cultural tem sobre a educação escolar atual diante das novas tecnologias voltadas a educação? Qual seria a real função da educação na contemporaneidade: o de transformar ou o de apenas reproduzir as ideologias impostas pela Indústria cultural? Em busca de respostas a estas questões tomamos como base para esta análise, textos que tratam diretamente sobre a questão da Indústria Cultural; principalmente a partir de autores que analisam esta temática baseados na leitura da escola de Frankfurt e da leitura do pensamento de Adorno e Horkheimer. Destes autores e textos pretendemos extrair elementos, para ajudar a compreendermos a forte influencia que a Indústria Cultural exerce sobre a educação escolar e conseqüentemente na ideologia que perpassa a subjetividade do homem.

Palavras-chave: Educação. Ideologia. Crítica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 COMPREENDENDO A INDÚSTRIA CULTURAL.....	8
1.2 A INDÚSTRIA CULTURAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	14
1.3-A ESCOLA NO ÂMBITO DA INDÚSTRIA CULTURAL; UMA ANÁLISE DA REALIDADE.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES	33
APÊNDICE A – Entrevistas.....	34

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, nos deparamos com a velocidade de difusão e consumo dos produtos culturais que nos atinge de maneira inimaginável. Percebe-se a sociedade moderna como uma imensa acumulação de espetáculos, como uma necessidade de se sentir e ser identificado como alguém que se destaca do outro. Há um desejo premente de ser o “melhor”, de aparecer mais, seja no trabalho ou na escola e ascender profissionalmente passa a ser a meta principal de vida do homem moderno. Como nos diz Zuin (apud Pucci 2003, p. 143) “Para sobreviver, é preciso impressionar, pois aquilo ou aquele que não impressiona não existe.”

Para que se estruture esta sociedade do espetáculo é preciso que os produtos desta indústria cultural sejam expostos por meio de estímulos para que não sejam descartados e, portanto, se volta à produção e reprodução de bens capitais, que serão consumidos por todos. A cultura notabiliza-se pela importância que se dão as representações que resultam das experiências humanas. A escola é, neste sentido, um mecanismo de (re) produção deste espetáculo, no qual a indústria cultural ganha cada dia mais espaço. Há aqueles que a recusam inteiramente, considerando-a como empobrecedora e alienante, e aqueles que veem nela a única possibilidade de expressão cultural e mesmo artística e de plena qualidade.

Frequentemente têm-se observado os usos, mais diversificados dos materiais produzidos pelo cinema, televisão, pela imprensa, pelos mecanismos virtuais, pela música ou por outros meios na e pela escola. De um lado, esses usos inserem-se numa lógica de modernização de ensino que busca torná-lo mais interessante e atraente para os alunos, como um subterfúgio para aproximação do mundo real à escola e ao ensino. De outro lado, aponta-se na maior eficiência das técnicas culturais da indústria, em particular dos meios eletrônicos, na transmissão dos conteúdos escolares, deslocando a educação escolar do seu papel tradicional: o de formação reflexiva. Nessa luta é preciso destacar o papel da escola e da indústria cultural como um processo de (re) produção ideológica que influencia e que é influenciado pelos acontecimentos.

Este trabalho tem como objetivo pensar a relação entre a Indústria Cultural e a Educação no processo de reprodução da ideologia do consumo. Tendo como perguntas norteadoras para o trabalho: Qual a influência que a Indústria Cultural tem sobre a Educação escolar atual diante das novas tecnologias voltadas à educação? Qual seria a real função da

educação na contemporaneidade: o de transformar ou o de apenas reproduzir as ideologias impostas pela Indústria Cultural?

Em busca de respostas a estas questões tomamos como base para esta análise, textos que tratam diretamente sobre a questão da Indústria Cultural; principalmente a partir de autores que analisam esta temática baseados na leitura da escola de Frankfurt e da leitura do pensamento de Adorno e Horkheimer. Destes autores e textos pretendemos extrair elementos para ajudar a compreendermos a forte influência que a Indústria Cultural exerce sobre a educação escolar e conseqüentemente na ideologia que perpassa a subjetividade do homem.

1.1 COMPREENDENDO A INDÚSTRIA CULTURAL

Primeiramente tentaremos situar o quadro da Indústria Cultural em nossa sociedade, para compreender sua influência na vida do homem moderno e assim, analisarmos a sua interferência no campo educacional.

Quando falamos em Indústria Cultural nos soa como um termo que surgiu há pouco tempo, porém quando passamos a pesquisar o termo verificamos que ele já era discutido por Gutemberg no século XV, não com a nomenclatura e características que conhecemos atualmente. Neste momento, apontavam os primeiros resquícios da conhecida Indústria Cultural, denominada na época como tipos móveis de imprensa sendo esta restrita e limitada à elite letrada diferentemente da indústria cultural conhecida atualmente.

Alguns autores preferem concordar que a cultura de massa surge com os jornais, outros consideram que a cultura de massa estaria ligada aos folhetins de romance e para fechar o pacote estaria ligada ainda a outros produtos como o teatro, as revistas, as operetas e o cartaz, situando assim o surgimento do termo cultura de massa na segunda metade do século XIX.

No século XVIII surge efetivamente o termo Indústria Cultural que está intimamente ligada à Revolução Industrial, porém não podemos deixar de mencionar que a Revolução Industrial não é a única condição existente para consolidação da Indústria Cultural. Assim como afirma Coelho (1980, p. 10): “È necessário acrescentar neste quadro a existência de uma economia de mercado, isto é, necessário em fim à ocorrência de uma sociedade de consumo só verificada no século XIX”. Entendemos com isso, que para efetivação e

caracterização da Indústria Cultural são necessários vários acontecimentos na estruturação da sociedade. Coelho considera ainda que a Revolução Industrial, capitalismo liberal, economia de mercado e uma sociedade de consumo seria o quadro para o surgimento e efetivação da Indústria Cultural em nossa sociedade.

Os avanços tecnológicos dos séculos XIX e XX, arcados pela era da eletricidade, da eletrônica e a TV fecham o quadro de acontecimentos necessários para o surgimento e concretização da Indústria Cultural, pois é neste período que o poder de penetração dos meios de comunicação se torna praticamente irrefreável.

A cada dia os meios de comunicação e tecnologia invadem a vida dos cidadãos a ponto de deixá-los desligados do mundo quando não há possibilidade de utilização destes meios. Um ótimo exemplo disto é quando uma pessoa esquece seu celular, é como se ela tivesse fora do planeta, pois as relações são mediadas por estes meios, e, assim o indivíduo torna-se prisioneiro dele e totalmente dependente a tal ponto de sentir-se isolado. Estes meios fazem parte de sua vida de maneira tão significativa que suas relações de trabalho dependem deles, como sendo algo indispensável ou imprescindível para a vida profissional e até mesmo social e individual. Outro bom exemplo desta dependência que a tecnologia exerce sobre nosso cotidiano é com relação a lojas, bancos e mercados que são todos informatizados e dependem desta tecnologia para funcionar. Quando o sistema tem algum problema tudo fica parado e o indivíduo nada pode fazer, pois ele está subordinado a uma máquina. Reforçando a ideia de subordinação que a Indústria Cultural exerce sobre nós, Pucci (2003, p, 12) vai nos dizer que:

Com a ampliação ao infinito de vias on line e de telefones portáteis, que registra cada um dos gestos e deslocamentos, você renuncia voluntariamente a uma parte de sua autonomia e de sua intimidade. A vida privada cada vez mais se torna vulnerável e expostas às articulações dos que detêm informações.

Esta análise nos leva a pensar o quanto a tecnologia tem poder sobre nós e como somos determinados por ela sem nos darmos conta do forte controle que ela exerce sobre nossa vida e o quanto somos subordinados a ela. Pucci (2003), ao analisar esta realidade pela vertente das ideias de Adorno e Horkheimer que já alertavam, muito antes da existência destes meios extremamente avançados de tecnologia, num diagnóstico filosófico-cultural, nos define, as ideias destes filósofos:

Para Adorno, a tecnologia, em seu tempo, já ocupava posição chave e produzia pessoas afinadas ela. Ele viveu a época da expansão do rádio, das incipientes experiências televisivas, dos anos primeiros dos filmes hollywoodianos. E teve simpatia e identificação que as pessoas estabelecem com os objetos tecnológicos. E este que deveriam ser instrumentos criados para propiciar uma existência digna do ser humano se transforma em seres com vida própria, deslocados da realidade do homem, utilizados para exigir dele amor, submissão, paixão. (PUCCI, 2003.p. 13)

A Indústria Cultural neste sentido é uma realidade fundante na sociedade capitalista monopolista e segue algumas características básicas apontadas por Adorno e Horkheimer (apud PUCCI, 2003) na obra “Dialética do esclarecimento”. Para os autores frankfurtianos, a cultura dos anos 40 conferia certo ar de semelhança. O desenvolvimento tecnológico, a concentração econômica, as tecnologia de comunicação e informação (TICs) como o telefone, o rádio, o cinema, os jornais e revistas se pareciam na estrutura e complementavam-se e assim, constituíam um sistema. O que vemos hoje, graças ao grandioso desenvolvimento das técnicas dos meios de comunicação, como a concentração econômica que estes meios representam, percebemos que o sistema das TICs ganhou mais densidade e articulação; avançou, mas continua conferindo um ar de semelhança, de uniformização das informações.

Na definição de Adorno (apud PUCCI, 2003, p. 9), a indústria cultural corresponde a um momento de consolidação dessa nova etapa da sociedade capitalista na qual seu próprio pensamento se torna mercadoria. Para o autor a ideia é de que o mundo quer ser enganado.

Torna-se mais verdadeiro do que, sem dúvida jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no logro, como se diz desde que isso lhes dê uma satisfação por mais fugaz que seja como também desejam essa impostura que eles próprios entrevêm; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de auto-desprezo, aquilo que lhes ocorre e do qual sabem por que é fabricado.

Ou seja, apartir da industrialização muda-se a forma de trabalho humano e a forma de produção que é o que vai determinar a indústria cultural. Já que padrões do homem e da sociedade mudaram, e são reflexo de uma sociedade capitalista liberal com forte oposição de classes, ou seja, a cultura de massa vai adquirindo forças devido às mudanças da sociedade dos padrões sociais. Sobre estes padrões Coelho (1980, p. 11) discorre:

Dois traços da indústria cultural merecem atenção especial a reificação do homem (ou transformação em coisa: a coisificação) e a alienação. Para esta sociedade o padrão maior (ou único) de avaliação tende a ser a coisa, o produto, a propriedade; tudo é julgado como coisa-inclusive o homem.

Nesta perspectiva a cultura passa a ser produzida industrialmente, ou seja, para a massa, trocada por dinheiro, perdendo sua capacidade de crítica e esclarecimento e sendo padronizada para atender a demanda de pessoas que possuem um gosto coletivo. Neste momento perde-se a individualidade e tudo se torna padronizado.

Estamos em uma sociedade em que tudo se transforma em mercadoria, em máquina. Deparam - nos deparamos com adoração e submissão do homem aos bens de consumo e a tudo está vinculada a Indústria Cultural. Estes homens tornam-se seres empobrecidos, influenciados pela informação, seduzidos por esta ideologia de mercado, que reforça o desejo do indivíduo de estar mais afinado com as tecnologias e novidades fugazes da Indústria Cultural e jamais possibilitando- o a pensar e refletir. O objetivo da indústria cultural não é oportunizar a reflexão, mas fortalecer a reprodução do que está posto para manutenção e expansão do capitalismo e assim seduzir as massas de consumo com a promessa de “ser feliz”, propiciando o processo de alienação e submissão a esse espetáculo oferecido pelos meios de comunicação de massa.

A Indústria Cultural acaba por contribuir com a ideia de “indivíduos prisioneiros”, alimentados pela ilusão, sem ação alguma na sociedade, manipulados como marionetes. O único conhecimento que o indivíduo deve possuir é o de senso comum, pois este responde aos acontecimentos de forma acrítica e simplista, não exaltando a argumentação e a reflexão, sendo superficial, por não possuir conhecimento de causa para defender o seu ponto de vista. A situação impõe uma decisão que, na maior parte das vezes, é tomada sem medir as consequências desta ação. Napolitano (2002 p. 116) vai nos dizer:

A constatação de que não importa com tudo em si e por si, de uma obra, para a realização da lógica cultural, importa mais a relação que a indústria social impõe no nível do consumo cultural marcado pela moda e pela busca de uma forma estética que não exija força do pensamento.

Porém, perceber este quadro existente em nossa sociedade não é tarefa fácil, pois a indústria cultural se utiliza de artimanhas difíceis de serem percebidas, já que ela atua de maneira persuasiva em nosso cotidiano tornando-se comum e imperceptível. Ramos (2003, p, 303) diz que “A Indústria Cultural ao contrario torce a realidade para que um mundo desigual apareça com as cores da felicidade.”

Muitas vezes não percebemos o quanto somos determinados pelas propagandas pela TV, pois estão introjetado em nossas vidas como se dela já fossem parte. Os meios de comunicação são estratégias da Indústria Cultural que os utilizam para vincular sua ideologia mercadológica. Um bom exemplo da influência dos meios de comunicação são as novelas, que inicialmente apresentam polêmicas, sendo repudiadas pelo público. Porém ao término da novela, o telespectador passa a aceitar a situação, pois tornou-se familiar, para ele. A novela mostrou a “realidade” enfeitada, ou seja, camuflada para transmitir ao seu telespectador uma visão romântica do fato, deixando de lado a realidade que não é nada agradável e muito diferente da apresentada. Assim a cada dia a população constrói idéias deturpadas que não condizem com sua realidade e a de seu país. Ramos (2003, p. 3001), em seus escritos, já relata que “a Indústria cultural cumpre variadas funções, mas sempre dentro dos horizontes do mercado.”

Como já foi dito, vivemos em uma sociedade de informação instantânea que não nos proporciona tempo para pensarmos e refletirmos; tudo acontece ao mesmo tempo. Além disso temos a falsa sensação de que sabemos tudo, no entanto nada sabemos, pois este acontecimento se dá devido à quantidade de informações que são lançadas ao mesmo tempo, não possibilitando a absorção destas.

Este emaranhado de informações vem reforçar o que Adorno chama de estado infante, que se caracterizam quando o indivíduo não é capaz de tomar suas próprias decisões, vive na comodidade e no conforto que o estado ingênuo traz. As responsabilidades e decisões, características de um indivíduo adulto e independente, são repassadas como se não fossem parte de sua vida.

[...] as novelas, os enlatados, ao dilatarem ao extremo seu espaço de penetração em todas as camadas sociais, dilataram ao extremo igualmente a capacidade de transformar a quase totalidade da população em ouvintes pacientes e sensíveis aos imperativos da indústria cultural. (PUCCI, 2003, p, 12.)

Sem querer colocar a culpa das mazelas da sociedade na indústria cultural gostaria de deixar clara a forte contribuição que esta tem com a vinculação de uma falsa realidade, que reforçam ideias acríticas. “Os pensamentos e os sentimentos já vem prontos e homogêneos como se fosse embalagem de Mac Donald.” Ramos (2003 p, 300). Parafrazeando Adorno e Horkheimer (apud PUCCI, 2003, p. 10) vão nos dizer que:

O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. O termo *mass media*, que se introduziu para designar a indústria cultural, desvia, desde logo, a ênfase para aquilo que é inofensivo. Não se trata nem das massas em primeiro lugar, nem das técnicas de comunicação como tais, mas, a voz do seu senhor. A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade desta, que ela toma como dada a priori e imutável. E excluindo tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são as medidas, mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar.

Atualmente pode-se dizer que nossa sociedade é tecnológica e muito avançada, pois desfruta de meios que possibilitam melhora na condição de vida, auxílio em tarefas que anteriormente necessitariam de horas para serem executadas e agora são realizadas em poucos minutos e sem muitos esforços. Aí está uma questão a ser pensada, onde está o problema? O que analisamos nesta colocação é que a cada dia o indivíduo quer estar afinado com estas tecnologias que proporcionam tal conforto e comodidade, pois ela está tão presente que interfere até mesmo nas relações sociais. Discorrendo sobre isso, (Pucci 2003, p. 14.) Diz:

A tecnologia invade progressivamente a vida dos homens em todas as suas configurações: do interior de sua casa, passando pelas ruas de sua cidade, no entanto no contato direto com os alunos em uma sala de aula, lá estão os aparelhos tecnológicos a dirigir as atividades, condicionando modo de pensar, sentir, raciocinar, relacionar das pessoas. Combater a tecnologia equivale hoje em dia à posse ao espírito do mundo contemporâneo. As pessoas parecem resignadas à multiplicação indiscriminada dos “objetos vigilantes, comunicantes e de todos os produtos da tecnificação”. Acomodam-se a eles, Adaptam-se a eles, adaptam-se ao seu manejo, misturam-se a eles. Não conseguem mais viver sem eles. Tem com eles uma relação libidinosa. E as relações entre as pessoas, mediadas pela tecnologia, tornam-se insensíveis, funcionais, deixam-se congelar.

É desta forma que a Indústria Cultural atua como transmissora de conhecimento e conseqüentemente carrega uma ideologia que preconiza a dependência subserviente do homem e, portanto, uma ideia contrária aquilo que se entende como objetivo da educação: o de formar o cidadão crítico, autônomo e consciente. Neste sentido, o que estamos levantando é que a indústria cultural atua como transmissora de conhecimento e vinculadora de uma ideologia que tem como objetivo enfatizar a servidão, a dependência dos cidadãos. Sendo assim ela é totalmente avessa à educação, que deve ter como princípio a formação de cidadãos autônomos, esclarecidos de sua atuação social, que agem de maneira crítica aos fatos.

Pretendemos no próximo capítulo denominar a relação da escola com a Indústria Cultural e o papel que esta Indústria ocupa dentro de nossa sociedade, delimitar como a escola deve lidar com este meio tão forte e dominante sem perder sua essência, pois afinal no mundo tecnológico em que vivemos não podemos descartar a indústria cultural, temos que incorporá-la ao cotidiano escolar de maneira a enriquecer o trabalho educativo, mas sempre como um meio e não como um fim.

1.2 A INDÚSTRIA CULTURAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

No capítulo anterior, discorremos sobre a essência e os objetivos da indústria cultural na sociedade desde o seu surgimento em nossa história. Agora pretendemos analisar sua influência na educação e a que propósito ela se destina no âmbito da escola.

A televisão é um dos instrumentos amplamente utilizados pela Indústria Cultural pelo seu fácil acesso diante da população atingindo todas as classes sociais, considerada como outros tantos recursos áudio visuais, essencial para a transmissão de informações. Através dos mais diversos recursos áudio visuais, os efeitos especiais, a publicidade com uma linguagem de sedução e convencimento despertam o desejo de consumo e criam necessidades que muitas vezes não teríamos se não tivéssemos acesso a ela. Sendo um veículo formador de opinião, contribui no reforço de estereótipos, até mesmo preconceitos, através da reprodução de situações que possam fazer parte do nosso cotidiano.

O que gostaríamos de deixar claro neste momento não é que sejamos contra a utilização dos meios que a indústria cultural disponibiliza no auxílio da construção do conhecimento, pois estes meios podem ser muito ricos se bem aproveitados, sendo trabalhado com consciência, até porque estes meios fazem parte do nosso cotidiano e não podemos negar sua utilidade. Porém, a questão que é colocada está relacionada ao uso indiscriminado destes meios. É por este motivo que acreditamos que a escola deve utilizá-los para formação crítica e consciente do cidadão de forma aberta, para que o aluno possa manifestar-se, verbalizar, criticar o que absorva dos meios de comunicação, sem, contudo, ignorar nem abolir, mas respeitando a diversidade cultural sem deformá-la.

Não podemos deixar de salientar que a televisão não é o único meio de penetração da escola que a indústria cultural se apropriou, ela está também presente no

material pedagógico-didático, sendo denominado como um material moderno quem não o utiliza é considerado ultrapassado. Este “mercado” torna-se rendoso e atraente.

Outro ponto a ser considerado são os programas curriculares desenvolvidos voltados para a educação e para o mercado editorial desta área, em que se percebe um movimento de perda da especificidade do material, que teria como primeiro objetivo atrair o interesse do aluno e, no entanto, acaba auxiliando na “fabricação de pequenos consumidores”. Para os professores, que definem os conteúdos, as estratégias e os recursos que poderão ser utilizados, resulta na perda de autonomia do professor. Sendo assim, o trabalho educacional torna-se mecânico, desconsiderando ainda as necessidades de cada educando. O professor, nesta perspectiva, torna-se um executor de tarefas acrítico e acomodado.

Segundo esta problemática, Adorno no texto “Educação e Emancipação”, nos adverte quanto à necessidade de termos uma postura crítica permanente e nos alerta enquanto educadores para os efeitos negativos de um processo educacional que visa apenas passar informações aos alunos sem permitir-lhes um conhecimento histórico e político em que esta educação está se concretizando; pois, quanto mais a educação se fechar no seu condicionamento social, tanto mais ela poderá se converter em mera presa da situação social existente.

Quando nós, professores aderimos a estes mecanismos, estamos sacrificando a educação e a sua função de autoreflexão, desconsiderando as peculiaridades de cada indivíduo, e negando a subjetividade humana.

Em uma sociedade administrada como é a nossa, tudo conspira contra o pensamento crítico, contra o exercício da reflexão. “Eis aí a problemática que desafia os educadores quer em seu processo de formação quer em sua atividade profissional de contribuir para formação de alunos que lhe são confiados” (RAMOS, 2003, p. 299).

Na sociedade atual, o indivíduo é construído de forma a não refletir sobre os acontecimentos ao seu redor. Sendo assim, podemos entender que a indústria cultural atua como agente formador de opiniões, gostos e posicionamentos na sociedade e a escola vêm reforçar na formação desta sociedade administrada, que não está formando cidadãos críticos reflexivos, mas seres reprodutores da ideologia dominante. A indústria cultura reforça a formação de indivíduos capazes de assistirem às barbáries produzidas na sociedade como meros espectadores que agem com naturalidade diante de atos de violência e preconceito. A escola acaba por reproduzir cidadãos conformados, sem consciência do seu papel social. Sobre esta deformação, Pucci (2003) diz que: “A interferência da indústria cultural, da mesma

maneira que submete a liberdade e atividade no sujeito, pensante, despotencializa sua capacidade de perceber e sentir, gerando nele o conformismo, adaptação, a regressão de seus sentimentos. (p, 19)

Ou seja, neste modelo social o pensamento é totalmente negado e a escola atual vai perdendo seu espaço ideológico e descaracterizando-se.

A escola como instituição, não é mais o espaço de socialização, sistematização cognitiva e mesmo de inculcação ideológica, que era até a década de 50 do século XX e seu aluno ainda criança, tem se inserido no sistema com uma proto-consciência cada vez mais articulada pela indústria cultural e pela da mídia. (NAPOLITANO, 2002, p. 120).

Diante das palavras de Napolitano, entendemos que o papel da escola que a atualidade nos desenha deve atender ao gosto da clientela. Sendo assim, deve tornar-se atrativa e voltada para o lazer e a diversão; ou seja, para a mera reprodução da ideologia vigente. Contrário ao que defendemos neste ensaio: Uma escola não deve incorporar estes valores, mas realizar seu papel que é o de ensinar a ler, socializar o conhecimento científico acumulado pela humanidade, estimular a troca de informações e opiniões, estruturar o pensamento crítico etc, incorporando a indústria cultural a suas atividades essenciais sem perder sua identidade. Utilizar os meios que a Indústria Cultural disponibiliza não significa deixar-se engolir por ela, mas o ideal é que cada um assuma seu papel sem tirar sua essência.

O que as ideias de alguns autores que discutem a Indústria Cultural abordam em suas críticas é que ela é o resultado de ideias dominantes que mascaram a realidade e criam uma utopia como se nascessem das massas, naturalizando-as, quando, na verdade, as massas só são manipuladas como alicerces para reprodução de ideias determinadas pelo poder maior que visa defender seus próprios interesses e se fortalecer. A Indústria Cultural, neste sentido, só se constitui como veículo para disseminação rápida e eficaz destas ideias, pelo seu alto poder de alcance e força política daqueles que se utilizam dos meios de comunicação de massa. Ela possui um poder de penetração que atinge em cheio o ser humano nas várias instâncias sensíveis dos planos da racionalidade e da sensibilidade.

Os programas de TV, por exemplo, só mostram aquilo que as pesquisas populares apontam como sendo preferência da maioria, passando para o público a sensação de autonomia na escolha da programação. Na realidade, há uma imposição subjacente, em que transmite a ideia de que isto ocorre espontaneamente. Enquanto a arte é, por natureza uma ousadia sem fim, no mercado midiático as opções oferecidas já se direcionam para o favorecimento do proponente e não do público telespectador, pois este não pode arriscar-se. A obra que a Indústria Cultural produz vai se deformando conforme “sopram os ventos da

aprovação do senso comum”. Sobre esta colocação Ramos, (2002, p. 137) diz que: [...] a mensagem que percorre a fabricação obra da indústria cultural é sempre a realidade invertida, não há história, não há ação do sujeito, não há nem sujeito - ou melhor, há sujeitos objetos num mundo opaco e insípido..

A Indústria Cultural é alimentada, e fortalecida através do obscurecimento do real. Vive-se uma realidade forjada, cria-se um padrão de normalidade, porém não é uma atitude espontânea que é resolvida instantaneamente as ideias são colocadas sutilmente durante muito tempo e, quando nos damos conta estamos totalmente adaptados à realidade transmitida através da mídia. Um bom exemplo é em relação às telenovelas brasileiras: quando foi ao ar o primeiro beijo, muitas pessoas foram contra e repudiaram o acontecimento; porém, atualmente as cenas de beijos são constantes e são seguidas por cenas de sexo transmitidas para todas as idades em horário nobre da televisão. Nem mesmo as pessoas de idade mais avançada apresentam resistência contra este tipo de programação e acabam incorporando ao cotidiano como sendo algo pertencente ao tempo histórico em que estamos. Porém, esta falta de crítica e submissão revela o poder sutil que a indústria cultural exerce sobre nossas vidas e sobre os nossos conceitos e posicionamentos ante aos acontecimentos.

Outro campo que atinge a educação diretamente é em relação à troca da escrita pela imagem. Coloca-se o que se vê como sendo de mais confiabilidade do que aquilo que se escreve por ser este do mundo das ideias, valorizando a imagem. Sendo assim, a Indústria Cultural ganha a cada dia mais espaço e confiança, fazendo uso da imagem para seu fortalecimento e usando o de jogo de imagens para transmitir a ideia que quer repassar com um ar de veracidade.

Assim, a educação escolar perde consideravelmente espaço para os meios de comunicação por serem mais atrativos e não exigirem um exercício permanente de disciplina para alcançar o conhecimento. Sendo o conhecimento ainda um processo demorado e inacabado, exige tempo e reflexão para se concretizar. O que se busca atualmente é a facilidade que não dê trabalho e seja facilmente digerida e absorvida, promovendo respostas imediatas e rapidamente descartadas pela memória. Daqui a algum tempo, estas informações não serão mais construídas ou assimiladas, pois não exigiram uma construção histórica, já que foram trazidas prontas para serem engolidas. O exercício do pensamento nesta perspectiva é totalmente desconsiderado e o indivíduo assume uma postura cômoda, e obdica do pensamento e quer tudo pronto. Ramos (2002, p. 139), em seus escritos diz, que:

No espaço escolar, essa força é cada vez mais atuante, já temos os professores formados/deformados pela indústria cultural. Perdida a força concêntrica da cultura, constata-se a desorganização dos conhecimentos. Um filósofo grego afirmou que um conjunto de pedra, barro e madeira não fazem uma casa, eis uma verdade que deve ser reafirmada em tempos de bombardeio por um excesso de informação que nos chega e nos sufocam pelos mais espantosos meios técnicos.

É realmente este o ponto a que objetivamos chegar neste trabalho: apresentar que a indústria cultural exerce forte poder sobre o indivíduo e este se encontra indefeso a ante esta força persuasiva, sem condições de defender-se através da reflexão crítica. A educação moderna reforça a produção de uma consciência coisificada, sendo ela um modelo limitado e subordinado a este poder. É um problema que afeta diretamente a escola, já que seu papel deveria ser o de construir condições para a formação de cidadãos críticos reflexivos. PALANCA (2003, p. 141) diz que:

Inserida neste contexto, entendemos que a educação moderna, enquanto mediadora entre o mundo privado da família e o mundo aberto do adulto, assim como entre uma visão de mundo e uma visão de homem peculiar á civilização Ocidental, contribui para o processo que submete a formação dos indivíduos transformando-a em semiformação.).

Partindo destas colocações podemos afirmar que a escola só produz o que o modelo de sociedade exige para sua (re)produção. Nela, o modelo de cidadão exigido é o não crítico, reprodutivista que aceita sempre o que é colocado, ou seja, o indivíduo submisso.

Entendemos que é exatamente com esse modelo reprodutivista que a escola deve romper, caso contrário ela estará trabalhando a favor dos ideais capitalistas e não do social ou humano. A educação escolar deve manter seu papel de ensinar o seu aluno a olhar a sociedade contemporânea moderna de maneira crítica, levando-os a pensar e ver além das mensagens subjacentes dos meios de comunicação, promovendo um processo educativo resignificado.

O processo educacional não deve ter como objetivo apenas repassar conhecimentos aos alunos, mas deve incentivar a racionalização da dominação capitalista que vai além do âmbito econômico. A apropriação de conhecimentos históricos e políticos da sociedade são a base para um posicionamento com responsabilidade e propriedade com argumentos sólidos em defesa de seu ponto de vista.

A utopia é inerente à situação humana. O real é que pode ser modificado. Perder esta dimensão é estar sufocado pela tirania do estado das coisas presentes. O homem só é homem quando exercita sua capacidade de dizer “não”! ao que existe e, assim, construir o que o projeta (RAMOS, 2003, p. 304).

A educação escolar deve buscar reestruturar o seu papel ideológico ofuscado pelos meios que a indústria cultural se utiliza, ela não deve imitá-la ou buscar ser atrativa ou ser um lugar de lazer e diversão, pois assim ela estará se desagregando de seu papel reflexivo. Napolitano (2002.p. 123) apresenta que:

[...] quanto mais a escola for bem sucedida em suas tarefas básicas (ensinar a ler, socializar o conhecimento científico acumulado pela humanidade, estimular a troca de informações e opiniões, estruturar o pensamento crítico etc) tanto mais ela poderá assimilar a indústria cultural sem ser engolida por ela.

O que fica claro é que a escola perde sua unicidade quando quer tornar-se apenas “prazerosa” exigindo menos do aluno, pois ela coloca em primeiro lugar anseios políticos, e não a aprendizagem do aluno. Exige pouco para não ser tachada como chata. Sobre a perda do objetivo escolar Napolitano, (2002, p. 125) diz que: “Apontar para o ensino voltado para a “vida”, neste caso, pode ser muito simpático, ao aluno inclusive, mas significa eximir a escola da sua tarefa na emancipação do educando como ser humano e cidadão.”

É preciso enfatizar que a educação escolar não deve perder sua essência na busca de um equilíbrio entre a escola e Indústria Cultural. Ela deverá incorporá-la aos seus interesses, para atingir seu objetivo maior, que é a construção de indivíduos reflexivos e críticos para atuarem de maneira efetiva na sociedade.

Neste sentido, no próximo capítulo buscaremos por meio de uma pesquisa realizada com professores que atuam na rede pública de Londrina, identificar como estes veem a influência da Indústria Cultural na educação, fazendo uma análise crítica de como o trabalho deve ser desenvolvido, não desconsiderando este meio que faz parte do nosso cotidiano que não deve ser ignorado, pois assim como a escola é uma instância formadora os meios de comunicação também são, porém com ideais opostos.

1.3 A ESCOLA NO ÂMBITO DA INDÚSTRIA CULTURAL: UMA ANÁLISE DA REALIDADE.

Nesta parte do nosso trabalho, buscamos compreender melhor como a Indústria cultural é percebida no âmbito da realidade escolar, e assim, refletir como os

professores que atuam nas escolas acreditam que a indústria cultural influencia na construção do conhecimento de seus alunos e, também, as alternativas para trabalhar as informações transmitidas por estes meios dentro da sala de aula, visando uma formação crítica e reflexiva de seus alunos. Para tal, organizamos um questionário com três questões, para que, os professores que atuam nas escolas nos possibilitassem uma análise de como se sentem e agem no cotidiano escolar. Estas questões foram entregues para três escolas da região norte de Londrina que ofertam ensino de 1º à 4ª série e que contam com professores de diversas faixas etárias, com diferentes graus de formação e tempos de carreira variados.

No total foram entregues cerca de vinte instrumentos de pesquisa, que foram previamente deixados nas escolas para que os professores pudessem levar para responder em casa sem maiores transtornos no momento das aulas, ou intervalos. Foram devolvidos dezesseis questionários respondidos, sendo que serão analisadas no trabalho apenas dez. Os questionários válidos foram identificados por letras e números para preservar a identidade dos entrevistados. Ficando assim definidos: G-1, G-2, G-3, G-5, G-6, G-7, G-8, G-9 G-10. A seguir uma análise das respostas obtidas:

Na primeira questão, nosso objetivo foi analisar como os professores que atuam nas escolas entendem como atribuições da educação e qual seria a finalidade da educação para seus alunos.

As respostas obtidas pela grande maioria dos professores concordam que a escola tem como objetivo a formação do cidadão. Houve divergência em alguns pontos. Dois professores (G-7 e G-9) afirmam que a escola deve formar o cidadão para o mundo do trabalho. Um dos professores afirma que: *“A educação escolar visa o mundo do trabalho... Na sociedade moderna o “ter” é mais valorizado que o “ser”*” (G-7). Podemos perceber quanto o discurso da formação para a reprodução da sobrevivência é ainda muito mais forte do que o da formação para a cidadania. A vitrine para o ser humano na sociedade capitalista moderna ainda é o espetáculo da reprodução material.

Outrora, a tensão entre indivíduo e sociedade era a substância constitutiva da própria sociedade. Ela glorificava “a valentia e a liberdade do sentimento em face de um inimigo poderoso, de uma adversidade sublime, de um problema terrificante”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 144 apud PUCCI, 2003, p.12). Hoje se desenvolve a falsa identidade da sociedade e do indivíduo.

Percebemos que a sociedade atual tem outro perfil; o de consumo, hoje o indivíduo desenvolve uma falsa identidade que contempla a submissão aos bens de consumo, por isso acreditamos que se atribui tanta ênfase ao trabalho, para sustentação desse consumo.

Outro professor acrescenta que, além da formação para o trabalho, a formação escolar deve preparar o cidadão para ser crítico e consciente: *“Preparar o indivíduo para o trabalho e que o mesmo possa reivindicar seus direitos como cidadão, sendo crítico e consciente de seu papel na sociedade”*. (G-9). É claro que a questão do trabalho não pode deixar de ser considerada, mas entendemos e concordamos com o professor, o qual diz que a principal função da escola deve ser a formação de um cidadão crítico e consciente; caso contrário estaremos reforçando um ideal reprodutivista que não condiz com o papel social da escola. Cabe questionar aqui se realmente a escola consegue desenvolver tal formação crítica, já que ela se insere em um processo de alienação e reprodução, visto que está inserida no contexto produtivo. Ela se produz e é produzida neste contexto.

Os demais professores concordam que a função da educação é uma formação voltada para construção de cidadãos autônomos e conscientes de seu papel social. Foi afirmada também a questão do significado que a educação deve possuir para o educando. Outro ponto identificado é que a educação deve estar voltada para preparar o indivíduo para os avanços tecnológicos na sociedade moderna. Podemos perceber na sua própria fala:

“Formar pessoas capazes de sobreviver em meio a tantas mudanças tecnológicas, ou seja, se adaptar ao mundo moderno”. (G-10).

“A educação escolar tem a função de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de se inserirem na sociedade, de desenvolverem profissionalmente e de resolverem seus problemas”.(G-4).

“A função é preparar nossos alunos para exercer sua cidadania. Dar a ele meios de ser atuante na comunidade. Fazê-lo conhecer seus direitos e deveres. Trabalhar ética a fim de obtermos cada vez mais cidadãos participativos, conscientes e ativos na sociedade”.(G-6).

“Na minha opinião a educação escolar desde que ministrada por educadores conscientes de seu papel de agente transformadores da sociedade, é fundamental para formação crítica e consciente e nossas crianças e adolescentes”(G-8).*“A educação é de extrema importância para que tenhamos o ensino sistematizado, formal. Talvez muitos conteúdos trabalhados em sala, não interessam muito as alunos, onde, acontece o desinteresse por parte de muitos alunos.”* (G-2).

“A mesma de sempre. A escola continua sendo a mediadora entre o conhecimento e os alunos principalmente nas séries iniciais. Por si só, o aluno não identificará tudo que precisa saber, a escola ajuda nessa relação de conteúdos” (G-5).

“Este é um grande paradigma da educação, o mundo moderno é um sistema de ensino, em sua maioria retrograda. A educação tem por prioridade a simples aquisição dos conhecimentos sem que isto seja vivo e presente na vida do aluno. Assim, penso que a educação antes de qualquer coisa tem que resignificar-se para que aja sentido no aprender, para que a escola seja um espaço de aprendizado vivo, esses conteúdos acumulados socialmente possam contribuir na formação construtiva desses indivíduos”. (G-1).

Podemos identificar na fala de grande parte dos professores que a especificidade da educação está muito clara em suas colocações, porém o que se nota é que a construção do aluno não foi considerada, pois segundo o que foi respondida, a escola deverá oferecer. E preparar, ou seja, como se fosse a escola a principal instância formadora do ser humano, não considerando sua construção individual e coletiva ou outros meios que também são responsáveis por estas construções. Não podemos deixar de mencionar que a ação do aluno é de fundamental importância, sendo a escola uma mediadora entre o conhecimento, ela é uma instância facilitadora nesta construção, e que não deve e não pode oferecer nada pronto para ser absorvido, mas sim instigar a curiosidade de seus alunos. Nas falas, a ideia que se tem é que a escola é detentora de toda verdade e o aluno é algo vazio a ser preenchido, com conteúdos.

O professor G-1 mostra clareza quanto a esta ideia. De que a escola deve priorizar conhecimentos, mas devemos alertar que este conhecimento não deve estar desvinculado ao processo de desenvolvimento da sociedade, pois ela é um mecanismo dinâmico e, portanto, histórico. Sua história não pode ser ignorada, mas privilegiada. Para que a educação aconteça de forma efetiva, o senso crítico deve ser construído sob bases sólidas da reflexão crítica da sua história, de sua trajetória, colocando como principal personagem o próprio desenvolvimento humano e não os bens materiais para a sua sobrevivência.

Na segunda questão, nosso objetivo foi verificar como os professores lidam com as novas tecnologias e acreditam que o envolvimento do aluno com estes novos meios pode representar um ganho ou não na construção de seus conhecimentos para uma futura atuação em sociedade. Foi questionado se as novas tecnologias (TV, microcomputador, internet, jogos eletrônicos, etc) influenciam de uma forma positiva ou negativa na vida de seus alunos. Segundo Ramos, (2002, p.135), “na atualidade a indústria cultural assume peço e espaço crescente”.

O que obtivemos como respostas foi bastante significativo e rico para nossa análise, pois todos os professores reconhecem a importância destes meios em nosso cotidiano,

mas alertam para o direcionamento e conscientização do uso seletivo que seus alunos devem ter, para que possam entrar em contato com a tecnologia, mas de maneira crítica como um meio de facilidade e não de alienação e submissão. Como podemos perceber nas próprias falas dos professores:

“Pode influenciar tanto positivamente como negativamente, vai depender do tempo do uso e o que e como serão utilizados”. (G-2)

“As novas tecnologias são de muita valia para o desenvolvimento e enriquecimento dos alunos, porém desde que bem utilizados e dirigidos em favor da construção e aprimoramento de novos conhecimentos.” (G-3).

“Acredito que as tecnologias influenciam muito na vida das pessoas de modo geral principalmente as crianças e jovens, porém a relação pode ser positiva ou negativa isto vai depender exclusivamente do olhar que é dado à tecnologia, se o aluno é levado a ter um posicionamento crítico nas diferentes situações, a influencia será negativa, porém se ele está acostumado a simplesmente absorver, a influencia será devastadora, pois ele não consegue decidir o que é ou não coerente.”(G-1).

“A educação escolar tem a função de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, capazes de se inserirem na sociedade e resolverem seus problemas.” (G-4).

“Há vantagens e desvantagens. Ao mesmo tempo em que a internet possibilita ao aluno acesso a informações, facilitando a vida do professor, os alunos se dedicam menos aos livros, tarefas e tem menos interesse pela sala de aula. Jogos,TV, etc são concorrentes desleais com relação á escola, por isso devem tornar-se aliados. (G-5).

”A função é preparar nossos alunos para exercer sua cidadania. Dar a ele meios de ser atuante na comunidade. De fazê-lo conhecer seus direitos e deveres. Trabalhar ética a fim de obtermos cada vez mais cidadãos participativos, conscientes e ativos na sociedade”. (G-6).

”A influencia que essas tecnologias exercem em cada individuo vai depender de como é utilizado, tanto na escola como em casa se for usada com critério, com uma visão critica por parte do adulto, a influencia será positiva. Se a criança se utiliza de tudo sem esse critério, a influencia será negativa”. (G-7).

”Não podemos ir tanto ao mar nem tanto a terra, pois as novas tecnologias podem influenciar tanto negativamente como positivamente na vida dos alunos. Positivamente quando usadas conscientemente e também na busca da construção dos conhecimentos. Negativamente se são usadas sem limites e sem comprometimento por parte daqueles que a usam”. (G-8).

“Positivamente, pois hoje não é só função da escola trazer conhecimento, o próprio aluno através das novas tecnologias pode adquirir e ampliar seus conhecimentos através de pesquisas. Cabe ao professor orientá-lo”. (G-9).

”Influenciam positivamente quando os mesmos utilizam-nos de forma correta. Sempre com a permissão e auxílio de seus responsáveis”. (G-10).

Nestas afirmativas, podemos perceber que a tecnologia ainda é recebida com certa desconfiança. Os professores acreditam na sua contribuição ao mesmo tempo em que desconfiam das consequências para a vida do indivíduo na sociedade moderna. A tecnologia, se bem utilizada, pode ajudar o professor e o aluno, porém, se mal utilizada poderá causar uma construção oposta aos ideais da escola, que é o da formação humana para a emancipação do indivíduo. Talvez, um receio de o homem não se perder diante da própria criação tecnológica, não deixar se levar pela sedução da inovação que a tecnologia nos traz, mas numa reação quanto a uma percepção reflexiva de qual deve ser o papel destas tecnologias para o bem estar humano.

Alguns professores concordam com esta ideia, mas amenizam sua postura crítica, dando mais ênfase positiva, porém sem desconsiderar o lado negativo que pode influenciar na educação. Reconhecem que a tecnologia não deve ser abolida da escola, mas adequada aos seus objetivos para que não se adéque à alienação que propõe os moldes da indústria cultural. O alerta que estes relatos dos professores nos trazem mostram que a escola deve oferecer subsídios para que o aluno construa uma consciência crítica não sendo um reproduzidor de ideias, mas sim um construtor de idéias próprias. Estas devem ser as bases fundante da escola. Caso contrário a escola perderá toda sua essência.

Na última questão, perguntamos a opinião dos professores sobre a contribuição da escola para a transformação de uma consciência crítica. Dois professores tocaram em um ponto considerado por nós muito importante que é a postura do professor que antes de tudo deve ser crítica e consciente, caso contrário será impossível alcançar o objetivo da emancipação tão sonhada pelos educadores quando na verdade o próprio educador não possui esta característica e é um reproduzidor de ideias. Segundo relato destes professores:

”O papel da educação é fazer essa transformação, mas isso não é tarefa fácil. Para o professor, como formador de opiniões atuarem criticamente frente a seus alunos, em relação a diversos assuntos, é preciso que ele – professor tenha uma postura ou consciência crítica ante os problemas que afligem a sociedade. A transformação da

sociedade, através da transformação da consciência individual para uma consciência mais crítica passa necessariamente pela pessoa do professor.” (G-7).

“Somente uma educação comprometida pode contribuir para transformação não só da consciência crítica, mais também para transformação social, uma vez que de nada adianta uma consciência crítica sem uma ação transformadora. Para que está transformação ocorram os educadores devem estar comprometidos não só com uma teoria que pregue está transformação, mas devem aliar esta teoria a uma prática transformadora não só da consciência, mas também da sociedade.” (G-8).

Segundo o que foi dito pelos professores há uma importância muito grande para o indivíduo no que diz respeito à construção e exercício da cidadania e cabe à escola direcioná-lo através da união da teoria com a prática, para que esta construção aconteça efetivamente. Foi ressaltada a importância do exercício desta cidadania, pois quando ela não é exercitada a ação da escola perde sua finalidade. Para o exercício desta cidadania faz-se necessária uma ação consciente do papel social do cidadão em prol dos interesses de toda sociedade, não apenas do individual. Esta postura do indivíduo requer uma análise reflexiva e crítica da realidade, ou seja: “O homem só é homem quando exercita sua capacidade de dizer “não.” (RAMOS, 2003, p. 304.).

Cinco professores concordam sobre a importância de trazer debates para sala de aula, da participação dos pais, de momentos de reflexão e crítica de acontecimentos em nossa sociedade expondo suas idéias e pontos de vista, ou seja, realizar um exercício constante de debate com os alunos. Segundo eles:

”A educação contribui a partir do momento que proporciona o aluno expressar suas idéias. Fazer o aluno pensar em situações problemas diante de sua comunidade, problematizar acontecimentos, comportamentos... trazer para a sala debates de diferentes assuntos. Deixar o aluno a par do que acontece na comunidade na sociedade, no estado, nos país e no mundo! Proporcionar ao aluno o uso de novas tecnologias no contexto escolar. Valorização do saber de senso comum para elaboração de um conhecimento mais elaborado.” (G-6)

“A educação pode contribuir para formação de uma consciência crítica, se o professor proporcionar um ambiente em que o aluno possa refletir questionar, observar e expor suas opiniões.” (G-4).

“Sim. A educação é que permite que alguém tenha condições de analisar situações e posicionar-se criticamente.” (G-5)..”Através de conteúdos relacionados ao meio do aluno, buscando sempre ampliar a

visão de mundo do aluno para que compreenda e possa ter essa visão crítica tão sonhada pelos educadores. Não é uma tarefa fácil!”.(G-9)

”Desde que a escola e a família trabalhem juntas com o objetivo comum de melhorar a educação, os alunos vão se tornando cada vez mais críticos”. (G-10)

Acreditamos que todas as instâncias citadas são realmente importantes, pois o indivíduo não constitui sua formação apenas na escola. Entendemos que esta é apenas uma das instâncias formadoras de opinião, porém a escola deve estar aberta para ouvir as inquietações de seus alunos, pelo fato de ela ser a instituição responsável em mediar a saída de destes do senso comum para um grau mais abstrato e amplo de visão de mundo rompendo com paradigmas alienantes. A escola deve envolver os conteúdos teóricos com as necessidades diárias de seus alunos, tornando-se significativa para a vida cotidiana. Acreditamos que a escola deve trabalhar com recursos oferecidos pela Indústria Cultural, pois esta é uma realidade que não se pode desconsiderar. Reforçando nossa afirmação, Silva e Oliveira (2007, p. 38) afirmam que;

A escola deixou de ser a exclusiva agência de promoção educacional e passou a receber informações e, até mesmo, novos conhecimentos por meio de mecanismos midiáticos. O desafio dela agora é afastar as concepções de encantamento com o tecnológico, em si próprio, e criar instâncias, com seu papel estratégico, no terreno da cultura.

Não se pode frear o rumo da história nem é nosso objetivo, pois sabemos que na atualidade, a Indústria Cultural exerce forte poder de penetração e absorção. Se a escola não incorporar esta necessidade, ela continuará chata e conteúdista na visão dos alunos, reforçando sua atuação alienante.

Três professores apontaram a necessidade da incorporação de ética e cidadania que deve ser alimentada desde os anos iniciais. Segundo Ramos (2003, p. 306): “Cumprir retomar a importância do exercício da reflexão, e isso desde os primeiros anos, pois é na infância, vista como estágio dinâmico..., que os hábitos se firmam.” Foi apontada também a necessidade de promover palestras que favoreçam o convívio em sociedade e noções de cidadania para o exercício de uma consciência verdadeiramente crítica. Acreditamos que todas estas colocações são válidas para que o aluno construa seu modo de pensar e agir de maneira concisa sabendo optar pelo certo ou errado.

“Com certeza, a educação pode e deve contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica, mas não só uma crítica, não uma criticidade fundada e fechada, mas um indivíduo, que observa, reflete e é capaz de tomar decisões favoráveis em frente as dificuldades , essa criticidade deve ser desenvolvida desde pequeno e precisa ser uma concepção transformadora e ampla, e educação em seus diversos níveis é que pode contribuir para isso.” (G1)

“Existe a educação de bons hábitos, comportamentos, como educação formal, das escolas hoje. Muitos professores têm que trabalhar com os alunos também as boas atitudes, bons hábitos, modos de se comportarem, de se vestirem etc. Na escola, devem acontecer (multi) palestras, debates entre os alunos e o professor, e o aluno deve entender que ele é um sujeito que tem uma história, o qual está inserido numa sociedade, o qual é participante, e não simplesmente um ser passivo, que não emita opiniões, que não apresente certa postura diante da vida. E o aluno só aprende determinados conteúdos , quando aquele conteúdo trabalhado em sala de aula traz, transformação na vida dele (para a sociedade)”. (G-2)

”A educação além dos conhecimentos tradicionais trás também valores como, princípios morais e éticos que favorecem o amadurecimento e a formação crítica dos alunos, pois o aluno vivência em sala exercício de cidadania o que estimula o aluno a discernir seus princípios de vida possibilitando o aluno construir seus próprios saberes para aplicá-los em diversos contextos do cotidiano”. (G-3)

A fala dos professores expressa a necessidade da introdução de uma postura crítica desde as séries iniciais para o fortalecimento de valores mais alicerçados que não se deixam levar pelo modismo superficial, construindo no aluno uma subjetividade com poder de resistência e não submissão opondo-se a esta sociedade do consumo. Sendo a escola um espaço democrático, aberto para discussões, crítica, e conversa. E também um espaço que rompe com a ideologia dominante que vai além do que nos é colocado, derrubando as muralhas do silêncio e da aceitação, a escola deve ser a estância instigadora da crítica e da ação social.

É preciso diz Adorno, (1970 apud RAMOS, 2003, p. 307.) em *Ensino para emancipação*, preparar os homens para que operem na realidade. Mas ele seria muito pobre, impotente e ideológica se se reduzisse a esta dimensão. Não pode limitar-se a criar uma “pessoa bem ajustada” á la americana, mas cabe-lhe a produção de seres humanos multilaterais. E isso só se torna possível se o professor e aluno compreendem a realidade sem véus e sem embustes; só se torna possível se exercitamos a reflexão, se usamos poder do pensamento crítico.

Gostaríamos de evidenciar com nossas afirmações, que a escola deve ser um dos espaços que conduzem o indivíduo à reflexão crítica, sendo o professor o principal mediador, como um fornecedor de elementos para crítica, fazendo o elo entre as questões multilaterais que envolvem a sociedade. Com objetivo de romper com preconceitos, estereótipos e reducionismo oferecidos de forma tão extensa pelos meios de comunicação, capacitando os cidadãos para o exercício da resistência contra esta força presente na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do trabalho estamos buscando analisar como a indústria cultural atinge a escola, e como a escola deverá fazer uso dos instrumentos oferecidos por ela, visando seus interesses sem perder sua essência. A Indústria Cultural apresenta um poder forte na sociedade atual, agindo como (re)transmissora de idéias e conceitos, ou seja, age na formação social dos cidadãos, muitas vezes com objetivos opostos ao da escola, que essencialmente deve preparar o indivíduo para a atuação crítica e reflexiva em sociedade.

Buscamos neste sentido, fazer um percurso na história da sociedade sob o enfoque da indústria cultural, analisando o seu surgimento e evolução e como esta foi ganhando espaço e tornando-se tão complexa e abrangente como se caracteriza atualmente. Constatamos que envolvidos pelas transformações históricas, sociais e políticas, os indivíduos foram aderindo e construindo novos valores, opiniões e posicionamentos. Segundo Napolitano, (2002, p.121):

Os vínculos comunitários, os vínculos familiares, os grupos de convívio primários e mesmo as instituições e espaços construídos pela sociedade burguesa tradicional no século XIX (o parlamento, a escola, a universidade moderna, a imprensa), sofrem profundas transformações na segunda metade do século XX (no último quarto de século, no caso brasileiro) e vem transpassando pela mídia (como veículo) e pela indústria cultural (como sistema ideológico). A alienação não reside apenas no mascaramento de uma realidade social, mas uma impossibilidade de refletir sobre a possibilidade de uma experiência social direta, sem o filtro da mídia e do consumo cultural.

Os vínculos que o autor nos coloca fazem parte da história que não pode ser freada como colocamos anteriormente, porém queremos ressaltar que todos fazem parte da construção da nossa história, portanto também são responsáveis pelos rumos que ela toma. A escola, o ponto que nos interessa efetivamente, se encontra bombardeada por estas mudanças, perdendo sua finalidade. Não queremos com isto negar a importância da utilização dos meios que a indústria cultural disponibiliza em si, mas alertar para o uso indiscriminado e sem especificidade destes meios para a simples ideologização da superficialidade do conhecimento. Acreditamos que a indústria cultural pode e deve ser usada na escola, pois faz parte do nosso cotidiano, porém ela deve auxiliar na construção de seres pensantes, autônomos, reflexivos e conscientes do uso dos objetivos educacionais, que é o conhecimento acumulado historicamente na sociedade.

A educação deve construir sua própria identidade através de ações reflexivas de todos os indivíduos que dela participam: alunos, professores, funcionários, família e comunidade. Deve construir meios para o questionamento reflexivo sobre os reais interesses da indústria cultural para que não sejam antagônicos aos da escola. A escola deve voltar-se aos interesses sociais e humanos. Deve empenhar-se na formação do ser (enquanto verbo) humano, que se prepara para romper com a formação restrita no desenvolvimento dos interesses do capital.

Nossa indagação inicial, neste trabalho, foi verificar o quanto a Indústria Cultural influencia na educação escolar. Fomos a campo verificar como os professores que atuam nas escolas entendem esta influência e como ela deve ser utilizada na escola.

A partir das falas dos professores, chegamos a seguinte conclusão: que os professores percebem a força que Indústria Cultural exerce, e sua importância, porém fica evidente na falas, a sua vulnerabilidade diante do seu poder. Os professores mantem um discurso crítico quanto a sua naturalização ideológica, mas ao mesmo tempo, mostram-se limitados e impotentes para o confronto reflexivo. Não significa que os professores sejam desqualificados ou descomprometidos com a formação dos seus alunos, mas devemos admitir que transpor este obstáculo é muito difícil, pois eles como qualquer outro indivíduo está inserido neste contexto e acabam por reproduzir o ideário capitalista, sem perceber.

O domínio sobre a temática exige um exercício contínuo de auto reflexão, questionamento e disciplina, para não cair na superficialidade que o mercado editorial e midiático vão colocando massivamente. Este quadro expressa para nós a necessidade de maior exercício para a cidadania através de estudos contínuos com reflexão crítica sobre a utilização dos meios de comunicação na escola, pois antes de qualquer coisa, o professor deve estar preparado e possuir uma postura crítica para levar tais conteúdos para sala de aula.

Entendemos que o professor deverá ser um facilitador do trabalho sendo sua postura de muita importância para construção do conhecimento de seus alunos, para promover espaços de reflexão para que o trabalho atinja o objetivo de levar os educandos ao esclarecimento sobre o mundo que se vive sem o aprisionamento, levando-os a conhecer como na história, a formação das idéias age no âmbito da alienação e da submissão do indivíduo.

Entendemos que a equipe pedagógica na escola deve trabalhar de maneira conjunta buscando um objetivo comum que é o de emancipação dos educandos, mas também deles próprios. Um trabalho coletivo bem articulado e com pensamento crítico reflexivo pode contribuir para uma mudança real de posicionamento e, assim, alunos, professores e

comunidade possam construir uma história mais positiva. Sabemos que este não é um caminho fácil, muito pelo contrário, é o desafio que propomos: A escola ser um espaço de construção de idéias de reflexões críticas sobre a sociedade e suas ações. Que ela seja instigadora da construção de uma história melhor para nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, [1980].

NAPOLITANO, Marcos. Escola e indústria cultural: entre o mesmo e o outro. In: PEDROSO, L. A.; BERTONI (Org.). **Indústria cultural e educação: reflexões e críticas**. Araraquara; JM Editora, 2002. p. 113-127.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares; OLIVEIRA, Diene Eire de Mello Bortotti. **Reflexões sobre a mídia e o universo infantil**. In. PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org). **O trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007, (p.27-39)

RAMOS, de Oliveira Newton. Resistindo a Indústria Cultural. In. PEDROSO, L. A.; BERTONI (Org.). **Indústria cultural e educação: reflexões e críticas**. Araraquara; JM Editora, 2002 p.297-307. _____. Educação e Emancipação; In BARBOSA, Raquel Lazzari L. **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo. Ed. UNESP. 2003.

PALANCA, Nelson. Educação Moderna Indústria Cultural & Barbárie. In: VANDERGON, José; BERTONI, Luci Mara (Org). **Indústria cultural e educação: ensaios e pesquisas, formação**. Araraquara: JM editora; 2003. p.133-145.

PUCCI, Bruno. Indústria Cultural e Educação. In; VANDERGON, José; BERTONI, Luci Mara (Org). **Indústria cultural e educação: ensaios e pesquisas, formação**. Araraquara: JM editora, 2003. p.133-146.

PUCCI, Bruno. **Tecnologia, Cultura e Formação-ainda Auschwts**. In: LASTÓRIA, Luiz Antonio Calmon Nobrico; COSTA, da Cesar Guimarães da Costa (org). São Paulo Cortez: editora, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ENTREVISTAS.